



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 23/10/2020 a 29/10/2020

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>23/10/2020</b>	10,83	386,40	34,11	6,32	4,19
<b>26/10/2020</b>	10,87	389,60	34,46	6,20	4,17
<b>27/10/2020</b>	10,82	384,00	34,11	6,15	4,16
<b>28/10/2020</b>	10,57	376,70	33,42	6,08	4,01
<b>29/10/2020</b>	10,51	376,90	33,06	6,03	3,98
<b>Média</b>	<b>10,72</b>	<b>382,72</b>	<b>33,83</b>	<b>6,16</b>	<b>4,10</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	Média*	
RS – Panambi	<b>158,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>158,00</b>	
RS – Londrina	<b>146,00</b>	
PR – Cascavel	<b>146,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>159,00</b>	
MS – Maracaju	<b>172,00</b>	CIF
GO - Rio Verde	<b>150,00</b>	
BA – L.E.Magalhães	<b>150,00</b>	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	<b>85,00</b>	CIF
Porto de Paranaguá	<b>79,00</b>	CIF
Porto de Rio Grande	<b>S/C</b>	
RS – Panambi	<b>71,00</b>	
SC – Rio do Sul	<b>70,00</b>	
PR – Cascavel	<b>68,00</b>	
PR – Londrina	<b>68,50</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>64,00</b>	
MS – Maracaju	<b>72,00</b>	
SP – Itapetininga	<b>83,00</b>	
SP – Campinas	<b>85,00</b>	CIF
GO – Rio Verde	<b>70,00</b>	
GO – Jataí	<b>70,00</b>	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Panambi	<b>77,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>77,00</b>	
PR – Londrina	<b>74,00</b>	
PR – Cascavel	<b>74,00</b>	

Período: 28/10/2020

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 29/10/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
<b>R\$</b>	<b>69,15</b>	<b>156,67</b>	<b>76,50</b>

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
29/10/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	<b>103,25</b>
Feijão (saco 60 Kg)	<b>248,41</b>
Sorgo (saco 60 Kg)	<b>47,33</b>
Suíno tipo carne (Kg vivo)	<b>5,67</b>
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	<b>2,00**</b>
Boi gordo (Kg vivo)*	<b>7,74</b>

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Setembro/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

Depois de o primeiro mês cotado atingir US\$ 10,87/bushel no dia 26/10, seu mais alto nível em mais de três anos, as cotações da soja recuaram e fecharam a quinta-feira (29), em US\$ 10,51/bushel, contra US\$ 10,73 uma semana antes.

A colheita nos EUA avança firme, com a mesma tendo atingido a 83% da área até o dia 25/10, contra a média histórica de 73% para esta época do ano.

Por sua vez, os embarques estadunidenses de soja, na semana encerrada em 22/10, chegaram a 2,7 milhões de toneladas, acumulando um total de 14,3 milhões de toneladas no atual ano comercial 2020/21, iniciado em 1º de setembro. Este volume representa 78% a mais do que o embarcado no mesmo período do ano anterior.

Mas o principal motivo do recuo nas cotações foi o forte tobo nos valores do petróleo (atingiu seu nível mínimo em quatro meses na Bolsa de Nova York), motivado pelo recrudescimento da segunda onda de contágio da Covid-19, na Europa em especial. A nova paralisação das economias europeias, com tendência a se estender para outras partes do mundo, começa a preocupar novamente os mercados. Na Alemanha, a Bolsa de Valores registrou seu pior desempenho desde junho passado. Novos lockdowns nestes países começaram a ser praticados nesta semana.

Esta situação provocou um movimento generalizado de venda de contratos de commodities já que os mesmos estão particularmente em mãos dos Fundos especulativos. Soma-se a isso as eleições presidenciais nos EUA, previstas para o dia 03/11, e a possibilidade concreta de Donald Trump perdê-la, não se reelegendo, fato que mudaria a política econômica estadunidense.

Em relação ao petróleo, membros da OPEP e Rússia, diante da segunda onda da pandemia, sinalizam preocupação quanto a possibilidade de não haver demanda para toda a produção do “ouro negro” que está sendo realizada no momento.

Esta instabilidade acabou elevando o valor do dólar, como valor refúgio, desvalorizando ainda mais as demais moedas mundiais, dentre elas o Real (a que mais se desvalorizou neste ano). No caso da moeda brasileira, a mesma se aproximou dos R\$ 5,80 por dólar no final da semana, valor que não era visto desde maio passado.

Pelo lado da demanda mundial, a China aponta que importou 51,4% a mais de soja do Brasil em setembro, em relação ao mesmo mês do ano anterior. O total importado pela China em setembro foi de 7,25 milhões de toneladas de soja brasileira. No total, as compras de soja em setembro somaram 9,8 milhões de toneladas, ou seja, 19% sobre o total adquirido um ano antes. Esta forte demanda chinesa, como já é sabido, se dá em função de que as indústrias esmagadoras da China estarem produzindo em grandes volumes, já que o plantel suínico local, após a peste suína africana, vem se recompondo rapidamente neste ano de 2020.

Por sua vez, os estoques de soja na China recuaram para 7 milhões de toneladas na semana do 18/10, após atingirem o pico de 8 milhões de toneladas no início de

setembro. Já os estoques de farelo de soja estavam em 937.900 toneladas, contra o recorde de 1,27 milhão de toneladas no início de setembro.

Aqui no Brasil, diante de um câmbio que se aproximou de R\$ 5,80 por dólar, os preços continuaram subindo. Além disso, a escassez de soja disponível continua pressionando o mercado, embora as indústrias moageiras informem que não há falta de produto em seus estoques.

Assim, o preço médio no balcão gaúcho fechou a última semana de outubro em R\$ 156,67/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços registraram R\$ 146,00 no Paraná; R\$ 159,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 172,00 no CIF Maracaju (MS); R\$ 150,00/saco em Rio Verde (GO) e Luís Eduardo Magalhães (BA).

Além do câmbio e o baixo excedente interno, o plantio tardio no Centro-Oeste, devido a falta de chuvas, vem provocando preocupações no mercado e mantendo os preços aquecidos. As indústrias de ração indicam não possuírem muitos estoques, deixando o setor das carnes em alerta quanto a disponibilidade do insumo no primeiro bimestre de 2021, já que a nova colheita será atrasada. Neste momento, o Indicador de preços do CEPEA/ESALQ, que toma por base os preços do Paraná, aponta que na semana do 16 ao 23 de outubro o preço médio ficou em R\$ 164,50/saco, sendo a segunda maior média real da série histórica, ficando abaixo apenas do preço verificado em outubro de 2002.

Dito isso, o plantio da soja no Brasil chegou a 23% da área esperada no dia 26/10. O mesmo continua bastante atrasado, havendo expectativas de chuvas importantes nas regiões de semeadura da oleaginosa a partir do dia 10/11. O Estado que mais avançou no plantio da soja foi o Paraná, alcançando 61% da área esperada, porém, são necessárias chuvas importantes nos próximos dias para consolidar a germinação do que foi plantado. (cf. Deral) Na prática, o produtor paranaense corre contra o tempo, procurando plantar o máximo possível antes que a melhor janela se feche, mesmo com pouca chuva.

Já no Mato Grosso o plantio chegou a 25% da área, graças ao retorno das chuvas, porém, no ano passado o mesmo chegava a 65% da área nesta época e a média histórica é de 49%. O custo de produção no Mato Grosso aumentou em 7,5% sobre o ano anterior, ou seja, R\$ 290,77/hectare. Os custos só não foram maiores porque muitos produtores locais adiantaram a compra de insumos, escapando de uma desvalorização maior do Real. Neste sentido, naquele Estado os produtores já compraram 18,7% dos insumos necessários para a safra seguinte, a de 2021/22, o que é um recorde de antecipação. (cf. Imea)

Enfim, segundo a indústria moageira de soja e a do biodiesel, 2020 deverá fechar com um total de 44,6 milhões de toneladas esmagadas, sendo que até setembro o crescimento do volume triturado foi de 8,3%, com a produção de biodiesel somando 6,4 bilhões de litros, ou seja, 8,5% acima do registrado na mesma época do ano passado.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, igualmente recuaram nesta semana, rompendo o piso dos US\$ 4,00/bushel, ao fechar, no primeiro mês, em US\$ 3,98 nesta quinta-feira (29), contra US\$ 4,16/bushel uma semana antes.

O recuo nas cotações se deu em função da pressão da colheita estadunidense; do retorno das chuvas em algumas regiões da América do Sul; e a liquidação de contratos por parte dos Fundos especulativos.

A colheita do milho nos EUA avança igualmente bem, tendo atingido a 72% da área total até o dia 25/10, contra a média histórica de 56% para esta data.

Os embarques de milho estadunidense somaram 636.290 toneladas na semana anterior, ficando abaixo do esperado. Entretanto, no total do ano comercial 2020/21 os EUA já exportaram 6,1 milhões de toneladas, superando em 75% o volume da mesma época do ano anterior.

A China informou que suas importações de milho em setembro atingiram a 1,08 milhão de toneladas, superando em 675% o volume comprado em setembro do ano passado. No acumulado do corrente ano os chineses já compraram 6,7 milhões de toneladas do cereal.

Na Argentina, a expectativa é de que as chuvas, que voltaram a aparecer nesta semana, não fiquem apenas nisso, pois já há estresse hídrico em 10% das lavouras de milho do vizinho país. Até o momento a Argentina plantou 27,5% da área esperada com milho para este verão, cujo total deve ser de 6,3 milhões de hectares.

E no Brasil os preços do milho se mantiveram firmes e com viés de alta. O Indicador ESALQ/BM&FBovespa, que tem por base Campinas-SP, apontou uma alta de 23,9% nos primeiros 23 dias de outubro, com o saco do cereal atingindo a R\$ 78,82. Já no dia 27/10 o mesmo atingiu o seu recorde real ao bater em R\$ 81,48/saco. No acumulado do ano de 2020, o Indicador do preço do milho acumula alta de 67,7% em termos nominais até o dia 27/10.

Paralelamente, o plantio da safra de verão atingia a 46% da área esperada no dia 22/10, contra 51% na média histórica para esta época, estando um pouco atrasado. Há perdas de potencial produtivo em grande parte do Centro-Sul brasileiro, especialmente nos três Estados do Sul, devido a falta de chuvas. Em muitos casos lavouras inteiras semeadas já foram perdidas.

Neste contexto, o preço médio no balcão gaúcho fechou o mês de outubro em R\$ 69,15/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços assim ficaram: R\$ 70,00 na região central de Santa Catarina; entre R\$ 68,00 e R\$ 68,50 no Paraná; R\$ 64,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 72,00 em Maracaju (MS); R\$ 83,00 em Itapetininga (SP); R\$ 85,00 no CIF Campinas-SP; e R\$ 70,00 nas regiões goianas de Rio Verde e Jataí.

No Mato Grosso, a atual safra já foi 95% comercializada, com o mercado ainda não sentindo nenhum efeito da retirada da tarifa externa comum do Mercosul sobre o produto procedente de fora do bloco.

No Paraná, há preocupação com o atraso no plantio da soja, o qual tenderá a atrasar o plantio da safrinha futura de milho. Enquanto isso, o plantio da safra de verão atingiu a 92% da área esperada. (cf. Deral)

No Rio Grande do Sul, segundo a Emater, o plantio do milho já superou os 70% da área esperada e as chuvas da última segunda-feira, mesmo que irregulares, animou um pouco o setor produtivo. Dito isso, a falta de chuvas vem provocando perdas antecipadas e preocupando sobremaneira os produtores.

Com a nova desvalorização do Real, as exportações ficaram ainda mais competitivas. Além disso, a demanda interna pela indústria de ração continua forte, com o clima provocando apreensões quanto a possibilidade de não haver produto suficiente para atender a demanda no início do próximo ano. Todavia, ainda é cedo para se ter uma posição definitiva a respeito.

Quanto às exportações nacionais, nos primeiros 16 dias úteis de outubro o Brasil embarcou 4,3 milhões de toneladas de milho, sendo que os preços subiram 21% em Paranaguá e 19% em Santos no acumulado da parcial de outubro, até o dia 27 (cf. Cepea). Já os contratos para março/21, no porto de Rio Grande, eram cotados a R\$ 82,00/saco. Mesmo assim, a média diária exportada em outubro é 14,4% abaixo da média de setembro e 1,6% abaixo da média de outubro de 2019. O preço médio da tonelada exportada ficou em US\$ 170,20.

Já na B3, o pregão da quinta-feira (29) iniciou com o contrato novembro valendo R\$ 82,62/saco; janeiro R\$ 83,28; março R\$ 82,35; e maio R\$ 76,50/saco.

Assim, até o momento o Brasil já teria exportado 25,1 milhões de toneladas de milho, enquanto a projeção total para o ano é de 34,5 milhões. Em relação ao mesmo período do ano passado, as exportações estão em recuo de 8,6 milhões de toneladas. Se a exportação não confirmar o volume esperado, é provável que os preços do milho recuem na virada do ano. Para todo o mês de outubro a Anec estima um volume exportado de 4,95 milhões de toneladas, reduzindo sua estimativa em 10% em relação a semana anterior.

## **MERCADO DO TRIGO**

As cotações do trigo igualmente recuaram nesta semana, fechando a quinta-feira (29) em US\$ 6,03/bushel, após US\$ 6,22 uma semana antes.

A semeadura do trigo de inverno nos EUA atingia a 85% da área até o dia 25/10, contra 80% na média histórica. As condições das lavouras apresentavam 19% entre ruins a muito ruins; 40% regulares; e 41% entre boas a excelentes.

Já os embarques de trigo, por parte dos EUA, chegaram a 367.500 toneladas na semana encerrada em 22/10, sendo o volume 67% menor do que a média das quatro semanas anteriores. Mesmo assim, o volume ficou dentro do esperado pelo mercado.

Por outro lado, o Egito anunciou licitação para a compra de trigo durante os primeiros 20 dias de dezembro. Neste sentido, o trigo russo foi o mais barato na oferta para atender a primeira licitação, ficando em US\$ 262,97/tonelada, enquanto o da Ucrânia chegou a até US\$ 268,00/tonelada e o francês a US\$ 264,48. O Egito já havia comprado, em setembro, 405.000 toneladas de trigo russo para entrega no final de novembro. Lembramos que o Egito é o maior comprador mundial de trigo.

Enquanto isso, a China informou haver importado 1,07 milhão de toneladas de trigo em setembro, totalizando nos primeiros nove meses do ano 6,06 milhões de toneladas compradas no exterior.

Por sua vez, na Argentina a Bolsa de Cereais de Buenos Aires reviu para baixo a produção de trigo do país, indicando agora que a mesma possa ficar em 16,8 milhões de toneladas. As chuvas que atingiram as lavouras do país, na virada da semana passada para esta, chegaram tarde demais para melhorar a produtividade do cereal. Dito isso, a produção restante do país se salvou graças as regiões ao sul da província de Buenos Aires, as quais não sofreram com a seca. A colheita da nova safra já teria atingido a 3% nesta semana, de um total de 6,5 milhões de hectares plantados com trigo.

E no Brasil os preços se mantiveram em alta diante da nova quebra da safra tritícola. A média gaúcha no balcão fechou o mês de outubro em R\$ 76,50/saco, enquanto no Paraná o produto de qualidade superior ficou em R\$ 74,00/saco no norte e oeste do Estado.

A colheita no Paraná atingiu a 90% até o início da presente semana, enquanto no Rio Grande do Sul a mesma chegava a 33%. Diante das quebras e do encarecimento da importação, devido ao câmbio, os produtores estão segurando a maior parte do produto colhido, esperando conquistarem preços ainda maiores. Veio se somar a isso a confirmação de quebra na produção da Argentina, país de origem da maior parte das importações brasileiras do cereal. Assim, no mercado de lotes, na semana entre os dias 19 e 26 de outubro os preços do cereal subiram 5,05% no Paraná, ficando na média de R\$ 80,61/saco, enquanto no Rio Grande do Sul a alta foi de 8,8%, com a média batendo em R\$ 78,67/saco.